

**HISTÓRIA
EM
REVISTA**

Pelotas - Número 1 - Setembro de 1994



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

HISTÓRIA EM REVISTA

Prof. Antonio Cesar Gonçalves Borges
Reitor

Prof. Daniel Souza Soares Rassier
Vice-Reitor

Profª Inguelore Scheunemann de Souza
Pró-Reitora de Graduação

Prof. Alci Enimar Loeck
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Profª Angela Maria Sinotti Gonzalez
Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Bel Flávio Chevarria Nogueira
Pró-Reitor Administrativo

Bel. Antonio Leonel da Silva Cunha
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

EDITORA UNIVERSITÁRIA
Rua Lobo da Costa, 447
Pelotas-RS - CEP 96.010-150

Jorn. Fernando de Oliveira Vieira
Diretor

Capa: Gilnei da Paz Tavares

Planejamento Editorial: José Herminio Barbachã

Reprodução Gráfica: João José Pinheiro Meireles
Marciano Serrat Ibeiro
Oscar Luis Rios Bohms

Acabamento: Carlos Gilberto Costa da Silva
Claudio Luiz Machado dos Santos
Luiz Gonzaga Souza Cruz



Class:	REVISTA
Registro:	415
Data:	11.10.94
Doação:	

HISTÓRIA EM REVISTA

Pelotas - Número 1 - Setembro de 1994

Núcleo de Documentação Histórica da UFPel

Coordenação Administrativa:

Profª Beatriz Ana Loner

Coordenadores de Linhas de Pesquisa:

Quotidiano de Pelotas (e Região Sul):

Prof. Fábio Vergara Cerqueira

Prof. Temístocles Américo César

Movimento Sindical:

Profª Lorena Almeida Gill

História da UFPel:

Profª Beatriz Ana Loner

Memória e Sociedade:

Profª Maria Letícia Mazzuchi Ferreira

Técnicos Administrativos:

Alvim da Silva Jorge

Domingos Barreto Rodrigues

Comissão Editorial

Profª Beatriz Ana Loner

Prof. Fábio Vergara Cerqueira

Profª Lorena Almeida Gill

Prof. Temístocles Américo César

Apresentação 5

Artigos:

*Reconstrução da
memória da UFPel* 7
Beatriz Ana Loner

*A evolução urbana de Pelotas:
um estudo metodológico* 21
Sidney Gonçalves Vieira
Óthon Ferreira Pereira
Jakson Silvano de Toni

*Os periódicos do final do século XIX
e do início do século XX
e o cotidiano de Pelotas* 35
Fábio Vergara Cerqueira
Temístocles Américo César

*Mulheres em estudo:
um movimento outro
um outro movimento* 39
Lorena Almeida Gill
Denise Bussoleti

*Museu e
memória histórica* 48
Maria Letícia Mazzuchi Ferreira

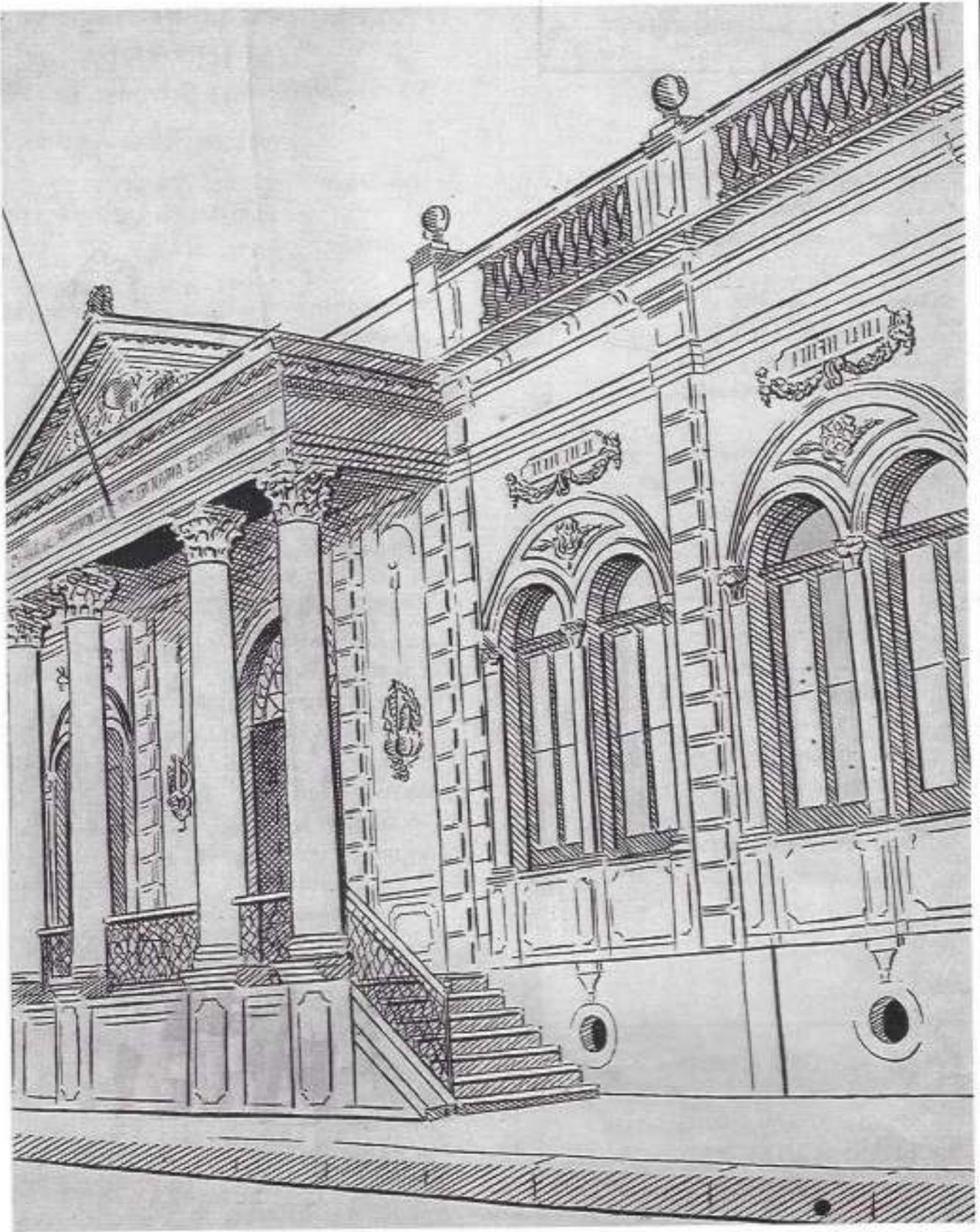
*O sujeito essencial:
teoria histórica e discurso* 52
Temístocles Américo César

*Da aplicação do conceito
de imaginário no estudo da história* 57
Fábio Vergara Cerqueira

HISTÓRIA EM REVISTA

PUBLICAÇÃO DO NÚCLEO DE
DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel

PELOTAS, PRAÇA 7 DE JULHO, 180
CEP 96.020-010 - RS



MUSEU E MEMÓRIA HISTÓRICA

Maria Letícia Mazzucchi Ferreira

Todo aquele que desejar compreender o espaço museológico (aqui nos restringiremos a museu histórico) irá necessariamente defrontar-se com o que vem a ser, afinal de contas, acervo, práticas museológicas, e todos os procedimentos e aparatos referentes ao que seja uma boa organização e conservação.

Há, no entanto, uma questão que subjaz a todos os aspectos levantados que é, em resumo, corpo e alma do museu em si, ou seja, a memória e suas representações.

Memória evocada por objetos e construções que traz ao mundo dos vivos, o que é preciso que se mantenha, e que assume o papel de ser coletiva, una. Memória essa que ao envelopar as memórias individuais, lhe conferimos o caráter nacional, nação, englobante, homogeneizadora.

Museu e memória. O que significa dizer, portanto, memória histórica?

Até que ponto aciona-se a História na memória coletivamente construída?

Em que medida o Museu é, pois, um dos guardiões dessa Grande Memória?

O simples mencionar da palavra Museu, sugere à grande maioria das pessoas um local onde são depositados "coisas do passado": móveis antigos, seguramente valiosos e raros, objetos preciosos, muitos dos quais pertencentes a nobres e tradicionais famílias.

A entrada em um museu é, por si só, um momento mágico em que nós humanos mortais, penetramos em um espaço sagrado, onde a atitude do visitante deve ser de respeito solene ao "passado" exposto, onde a voz moderada se faz acompanhar de um olhar de puro êxtase ao luxo, aos detalhes requintados, ao bem viver de uma época.

Sacralização do espaço.

Cabe ao embevecido visitante percorrer circuitos onde lhe é mostrado um tempo glorioso, em que eram trazidos do "velho continente" vestidos de pura renda francesa, móveis finíssimos personalizados com monogramas dos afortunados donos. A "dolce vita" de quem deixou heranças de memórias que na maioria das vezes compõem o acervo dos Museus Históricos.

Sacralização do tempo.

Mas, de que passado se fala? Qual é a memória a qual os Museus cumprem o papel de expor?

Em geral, os museus tradicionais refletem, para puro delírio dos seus observadores, uma única fala, ou seja, a História das Elites, um passado aristocrático.

É preciso que se reflita sobre isso. E, na própria origem do Museu estão elementos que nos levam a esta reflexão. De "oferendas dedicadas às musas nos templos", na Grécia antiga, ao sentido de demonstração de poder entre os romanos, ao exporem publicamente os

espólios de guerra, vê-se que somente no século XVIII nascerão os grandes Museus Históricos europeus, cujos acervos compor-se-ão, também, do fruto de saque advindo igualmente da dominação. A exemplo, o famoso Museu Britânico. (1)

Acompanha este momento o alvorecer dos museus de História Natural onde o exótico é exposto ao público "cientificamente classificado". (2)

Museu como local por excelência onde o branco civilizado e culto observa, sem riscos, vestígios de povos mostrados como "bárbaros".

No Brasil, a "Era dos Museus", a exemplo o Museu Nacional no Rio de Janeiro, irrompe no século XIX, como cópias "coloniais", imitando a Metrópole. São imponentes, grandiosos, tendo como acervo, principalmente, objetos trazidos da Europa, de uso da corte, e a exótica "cultura indígena". Obviamente que, sem nenhum rigor classificatório, a função para a qual este (e os demais museus a surgir nos finais do século XIX) estão destinados é a de, numa versão tropical, mostrar a superioridade de uma cultura, ou seja, a do dominador.

Percebe-se, rapidamente, que há funções a serem cumpridas pelo que se intitulou Museu. Desde a veneração, a manifestação de poder em suas múltiplas formas, somam-se outras, mais poderosas porque não explícitas. É o que ressalta Funari ao abordar o papel disciplinador do Museu (3), "eficaz à medida que trabalhado a nível simbólico, demonstrando, através dos objetos que compõem o acervo museológico que o presente justifica-se pelo passado, e este, como fato distante cronologicamente, foge a um julgamento presente".

Assim, de "guardiões da memória", os Museus, ao reverenciar um passado épico, estão em última instância, trabalhando com o presente.

Discurso ideológico, manifesto desde a seleção do que irá compor ou não este acervo, até a forma como o mesmo é exposto ao público.

Aqui é importante observar a própria organização das peças no interior dos Museus: ao Público é descerrada a cortina e, como num Teatro da Memória, os ambientes são recompostos "ao modelo da época", não

sendo necessariamente fiéis ao que ocorreu, porque, antes de tudo, são dispostos para causar emoção. Puro fetiche onde, de acordo com Shanks & Tilley o apelo erótico é fundamental. Logo, "ao observador é garantido o prazer, por não efetivar, mas verdadeiro porque possível de ser usufruído através da identificação com o objeto". (4)

Assim, as emoções causadas ao observador são premeditadas. Fazem parte do suporte ideológico que norteia a prática museológica. Despertar os sentidos enaltecendo um passado "às vezes nebuloso", porém "de todos nós". A memória nacional (ou regional) forjada, construída para que, apesar dos pezares, todos com ela se identifiquem.

-Nesse sentido, com o intuito de contrapor-se à memória da elite, várias experiências surgem como formas de resgatar a memória "dos vencidos", dos marginalizados pela Grande Memória.

Perigosa armadilha de, na maioria das vezes, substituir somente os protagonistas, como se a simples substituição de memórias alterasse o papel fundamental a que os museus estão destinados a cumprir. Numa visão reducionista creem alguns que à história Oficial é preciso contrapor-se a História dos Oprimidos.

Logo, no afã de buscar saídas, até mesmo para que não caiam os museus no ostracismo, várias alternativas têm surgido, algumas como a "grande panacéia" para os tediosos e nefastos museus tradicionais. Assim, as opções têm variado desde "exposições de rua", "Museu do Trabalho", "Museu do Índio", até os chamados Ecomuseus, de origem europeia e que se constituem em grandes atrações a turistas ávidos por outras experiências que não só os Museus clássicos.

Sem desmerecer todas as alternativas acima colocadas, convém ressaltar que, sem alterar as "práticas museológicas" em si, tendemos a repetir o já conhecido, só que numa versão moderna, onde, mais uma vez única memória é o que predomina.

Nesse sentido convém observar também que algumas atividades propostas nos museus funcionam, na maioria das vezes, como um simulacro. Veja-se, a exemplo, as chamadas "atividades educativas", tão estimuladas pelas direções, como pelas escolas que percebem

af um artifício que deve ser usado para "mostrar como viviam nossos ancestrais". Aos olhares curiosos desse público infanto-juvenil, herói, estadistas, barões desfilam num cortejo macabro.

Às direções aflitas, essas atividades didáticas organizadas pelo Museu vêm, de certa forma, dar a sensação de se estar fazendo algo de concreto. Além disso, as chamadas "visitas orientadas" são, por sua vez, outro recurso para estimular os visitantes. Assim, à observação solitária do visitante, o Museu oferece um guia que, prestimosamente, usando a palavra, a retórica, traduz o que seria simbolicamente expresso, instruindo ao público sobre o que não pode passar despercebido.

A figura do guia é de reforço "em carne e osso" da mensagem destinada ao público.

Logo, o que se verifica na prática é que as várias atividades propostas, na grande maioria das vezes, confundem-se com animação, simplesmente. ⁽⁵⁾ É preciso avançar na proposta do Museu, é preciso dar-lhe um objetivo definido para que, de fato, o serviço educativo por ele prestado obtenha um sentido maior.

A reflexão à qual se destina este artigo é justamente pensar sobre os objetivos de um Museu. Não quero dizer que os atuais Museus históricos de nossa região não tenham objetivos. Ao contrário, eles estão na base das práticas museológicas, estão expostos em forma de acervo, são o corpo e a alma do Museu.

Ora, nada mais lógico pois, se entender-se a construção Museu como um discurso ⁽⁶⁾, este possui seus construtores, e, no modelo clássico de Museu Histórico, os objetivos traduzem-se pela única memória apresentada: a das elites dominantes, a memória cristalizada em um "fato histórico".

Porém, ao se fazer essa reflexão, percebemos que não é esse o Museu que se quer, não é esse o modelo que nos serve. Então, como chegar ao Museu como instrumento de resgate de cidadania? Como fazer com que o Museu se traduza em vida, em prazer verdadeiro de autoria coletiva? Como mudar sua cara de mausoléu, repleto de objetos "mortos"?

Essa angústia de mudar não pode nos jogar, traiçoeiramente, no vazio. Tampouco devemos aceitar soluções simplistas do tipo "História dos Oprimidos", pura e

simplesmente.

Um Novo Museu advém de novos objetivos. Assim, se entendemos que o Museu deve ser um dos veículos para transformação da realidade, ele deve atuar no resgate da cidadania, deve espelhar os anseios da comunidade, deve ser portanto, sua construção.

Nesse sentido, um dos primeiros passos é entender-se a Museologia como "estudo da relação entre o homem e o objeto em um cenário" ⁽⁷⁾. Ou seja, o processo museológico deve ser entendido "como um conjunto sistêmico e cronológico de experiências que possibilitem a transmissão do conhecimento através da linguagem do objeto" ⁽⁸⁾. Assim, para que o Museu seja de fato uma proposta nova para a sociedade, é preciso que esteja imerso no conjunto de práticas, idéias, memórias enfim que compõem o cenário social, contraditórias e conflitantes.

Para tanto, um rompimento necessário é o desmistificar a idéia de "reconstrução de época". Jamais se recomporá um contexto temporalmente distante com absoluta fidelidade ao real. Logo, a esse cenário irreal, é preciso vê-lo como discurso e, para tanto, um dos caminhos propostos é o de problematizar o objeto, confrontá-lo com outros, abrir possibilidades várias de leituras diversas.

Do entendimento que a história da elite não se faz sem a História do povo, é preciso que ambas estejam colocadas, dispostas dialógicamente.

Um outro aspecto a ser necessariamente observado é o que se refere à construção do acervo. Baseado nas idéias expostas anteriormente, ele será tematizado, portanto não necessariamente permanente.

Note-se que a tematização, além de proporcionar essa problematização do objeto, pode ser construída em conjunto com a comunidade. Esse trabalho, penso, deve ser fruto do processo desencadeado anteriormente, onde se busca abrir canais de inserção nesse universo social.

Esse processo de conhecimento inicial mútuo deve ser gerador de propostas conjuntas, ou seja, a própria comunidade construirá o acervo, conforme a temática. Nesse conjunto, a História Oral será de grande valia pois permitirá que principalmente a população de

terceira idade discorra sobre suas vivências sempre se reportando ao tema inicial.

Uma outra estratégia é a de compor-se exposições móveis, algumas inclusive itinerantes, de maneira a garantir a dinâmica do Museu.

Obviamente que, enquanto apêlo à reflexão, não temos a pretensão de "dar receitas" prontas de como "reviver" um Museu. Acreditamos, no entanto, que não basta constatar a falência do modelo, é preciso apontar nem que sejam somente pistas, para uma nova invenção.

Sabemos que os entraves são muitos e de várias ordens, como condições materiais insuficientes (a maior parte dos Museus estão localizados em prédios com seríssimos problemas estruturais, precária conservação do acervo), bem como condições técnicas insuficientes (falta de pessoal especializado, pois na grande parte são funcionários cedidos; inexistência de "reserva técnica", etc...).

Nessa dura realidade é que trabalham a maior parte das pessoas envolvidas com Museus.

É enfrentando o descanso dos governos, em seus vários níveis; é heroicamente resistindo a manter aberto ao público Museus sem condições mínimas inclusive de segurança.

Sabemos que é necessário lutar para que os Museus, enquanto depositários da cultura de um povo, sejam privilegiados por uma política verdadeira de incentivos. Sabemos que, para seu funcionamento pleno, é necessário que haja toda uma infra-estrutura de apoio.

Não obstante e sem que se invalide todas as necessidades aqui expostas, é preciso que se construa um novo Museu, e isso, talvez, seja o desafio maior.

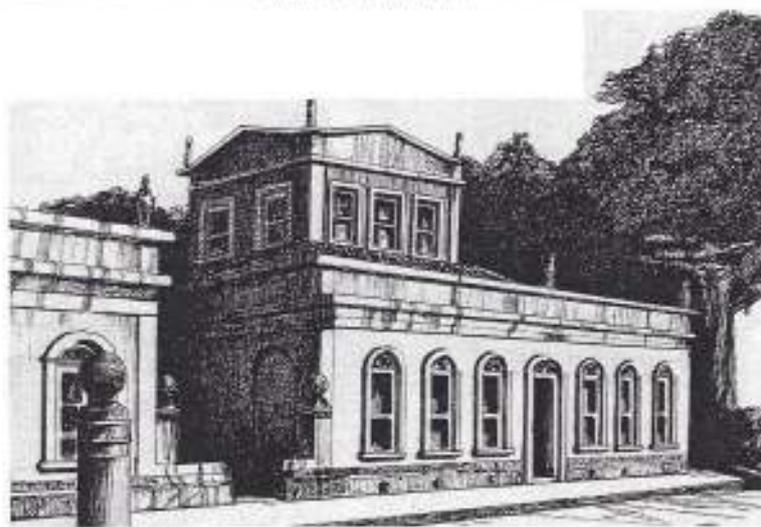
É o Museu novo que se sonha.

E hoje, em tempos difíceis de referenciais esfaçados é preciso, antes de tudo, resgatar a utopia.

NOTAS:

- (1) LARA, Sílvia H., *História, Memória, Museu*, Revista do Arquivo Municipal, S.P., 200:99-112, 1991.
- (2) SCHWARCZ, Lilia R. M., O nascimento dos Museus Brasileiros in MICELI, Sérgio (org.) *História das Ciências Sociais no Brasil*, S.P., Ed. Vértice, 1989.
- (3) FUNARI, Pedro Paulo. La identidad nacional Brasileña: cultura material y uso del pasado (mimeo.).
- (4) SHANKS, M & TILLEY, *Re-construiching Archaeology*, Cambridge, Cambridge University Press, 1987.
- (5) BRUNO, M^a Cristina; VASCONCELLOS, Camilo M., *A proposta educativa do museu de Pré-história Paulo Duarte*, Revista de pré-História da USP, SP, 7:165-86, 1989.
- (6) FUNARI, Pedro Paulo. A, op cit.
- (7) RUSSIO, WALDISIA sn ARANTES, Antonio, *Produzindo o Passado*, S. P., Brasiliense, 1984.
- (8) BRUNO, M^a Cristina; VASCONCELLOS, Camilo, cf cit.

MUSEU DA BARONESA



FACULDADE DE AGRONOMIA ELISEU MACIEL

